

Contribuições da hermenêutica filosófica aos estudos da estratégia como prática**Contribuições da hermenêutica filosófica aos estudos da estratégia como prática***Contributions of the philosophical hermeneutics to strategy as practice studies*

Antônio João Hocayen-da-Silva ¹
César Renato Ferreira da Costa ²

Resumo

O campo de estudos sobre estratégia como prática apresenta-se incipiente no que diz respeito aos contornos epistemológicos e metodológicos atrelados ao paradigma qualitativo. Pretende-se, a partir desse estudo, discutir possíveis contribuições da Hermenêutica Filosófica para configuração do desenho empírico metodológico de pesquisas em estratégia como prática. A proposta de reflexão por esta lente descortina uma forma inovadora de perceber a realidade social, envolvendo interprete e contexto. Captar sentido e significado da estratégia se processa a partir da percepção do sujeito envolvido no fazer estratégia, ou do pesquisador, desvinculada de qualquer procedimento metodológico antecipadamente definido, tendo em vista especificidades particulares da ação humana e da individualidade dos sujeitos, que fornecem elementos quando são inquiridos pelos pesquisadores, traçando contornos metodológicos com base no fenômeno investigado.

Palavras-chave: Abordagem Sociológica da Estratégia; *Strategizing*; Sentido e Significado do Discurso.

Abstract

Studies field on strategy as practice presents incipient regarding the epistemological and methodological contours, linked to the qualitative paradigm. It is intended, from this study, discuss contributions of Philosophical Hermeneutics for configuration design methodology of empirical research in strategy as practice. The proposal for consideration by this lens unveils

¹ Bacharel em Administração, Mestrado em Administração pela UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - UFPR e Doutorado em Administração pela Universidade Positivo - UP, Professor da UNIVESIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE/PR - UNICENTRO, Campus Irati/PR, Brasil. Contato: hocayen@yahoo.com.br

² Bacharel em Administração pela Universidade Estadual de Maringá-UEL, Especialização em Gestão Empresarial - MBA/Executivo, Mestrado em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração UEM/UEL em Maringá, Doutorado em Administração pela Universidade Positivo, Professor na Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO, Campus Irati/PR, Brasil. Contato: professorcesarrenato@hotmail.com

innovative way to investigate social reality involving interpreter and context. Grasp the meaning and significance of the strategy proceeds from the perception of the subject involved in strategising, or researcher, detached from any methodological procedure defined in advance in view private specificities of human action and individuality of the subject, which provide elements when interviewed by the researchers then trace methodology based on context.

Key Words: *Strategy Approach Sociological; Strategizing; Sense and Meaning of Discourse.*

1. Introdução

O desenvolvimento histórico do campo de pesquisa em estratégia, componente dos estudos organizacionais, apresenta um panorama em que grande parte dos estudos realizados, foi concebida a partir dos pressupostos da perspectiva econômica clássica, com abordagens essencialmente normativas e prescritivas (BOWMAN; SINGH; THOMAS, 2002; PETTIGREW; THOMAS; WHITTINGTON, 2002; SWEDBERG, 2003; KIRCHBAUM; GUARIDO FILHO, 2011; VIZEU; GUARIDO FILHO; GOMES, 2011), tal inclinação, por um longo período, esteve presa às suposições modernistas conformadas nos Estados Unidos da década de 1960, país em que se originou, definindo assim a postura dominante, consolidando-se então entre diferentes grupos de pesquisadores ao redor do mundo (WHITTINGTON, 2004).

Olhar a estratégia por meio de uma lente calibrada por elementos da economia clássica cria uma lacuna entre o sujeito e o objeto, anulando a capacidade de ação do sujeito, ao transferir para as organizações a responsabilidade pelas estratégias, como se o sujeito, individual ou coletivo, não tivesse participação no seu processo de autenticação. Johnson *et al.* (2007), destacam que, convencionalmente os pesquisadores de estratégia, no campo de estudos organizacionais, a assumem como algo que as organizações têm. As organizações seriam detentoras de estratégias de diferenciação, diversificação e de *joint-venture*, pois se compõe de processos de planejamento estratégico, de decisão e de mudança, sendo capazes em si mesmas, de propor análises comparativas considerando estratégias disponíveis em função de suas necessidades organizacionais, lançando mão das práticas que envolvessem diretamente os sujeitos.

Do ponto de vista da hermenêutica, como construção interpretativa de a uma reflexão qualquer, dentre elas da estratégia como prática, a escolha clássica supõe uma percepção realista da ação a partir de elementos puramente clássicos, reconhecidos como racionalistas (FONTANA, 2009). A inovação da abordagem filosófica na interpretação considera a ação imersa na identidade e no comprometimento do sujeito, assim como demais componentes que a envolvem (PORTOCARRERO, 1992).

A análise e compreensão das especificidades da estratégia, a partir da abordagem da economia clássica, demonstram-se limitadas especialmente nos últimos anos, em que se tem discutido o tema com maior ênfase por uma perspectiva sociológica. Em uma fragilização das amarras dominantes, a pesquisa em estratégia, estimulada pelas novas abordagens, promoveu a ampliação dos horizontes teórico e prático, tendo em vista que, estudiosos europeus em seus movimentos sociais se posicionaram para explorar suas especificidades (WHITTINGTON, 2004; WILSON; JARZABKOWSKI, 2004). Deste modo, destaca-se a importância de um olhar sociológico acerca da estratégia nas organizações, tendo em vista que muitos elementos podem se constituir como centrais na explicação desta prática, neste caso, mais reconhecida

como social e coletiva. Porém, desta possibilidade perspectiva, cabe salientar que “a estratégia como prática surge, não como um ‘antídoto’ a uma visão de estratégia organizacional, mas sim como um complemento, ou melhor, como uma nova ‘lente’ para se analisar como de fato as estratégias acontecem dentro das organizações” (SILVA; HANSEN, 2012, p. 257).

Para Clegg, Carter e Kornberg (2004) dois objetivos seriam determinantes: primeiro, tratar a estratégia como uma importante prática social, que exige uma série de análises sociológicas; e, segundo transformar esse domínio em uma maneira de melhorar o modo de conduzir a construção de tal estratégia. Os contornos-chave de pesquisa para o desenvolvimento de uma perspectiva em estratégica, baseada na prática, incluem os seguintes focos: poder, identidade profissional, agente não humano, ética, linguagens e instituições. Os autores afirmam que a estratégia deve ser considerada empiricamente nos termos da etnometodologia: uma análise do que é realmente feito pelos agentes *in loco*, enquanto criação de estratégias (CLEGG *et al.*, 2004).

Contudo, ainda que inovadora, a abordagem de estudo da prática nas organizações, tem se desenvolvido, em sua maioria, na análise do cotidiano de atores sociais de forma estática e reducionista, apresentando assim resultados de abordagens com foco limitado, tendo em vista que são efetuados recortes específicos, sem se preocupar com a relação entre os diferentes processos que formam a dinâmica da organização, caracterizada por constante movimento e vibração.

Observa-se atualmente ainda, uma desarticulação entre os diferentes fundamentos epistemológicos, na busca pela definição dos caminhos metodológicos, determinados à análise da prática como objeto de estudo. As dificuldades de tal definição estão relacionadas principalmente aos problemas de contextualização da ação prática da estratégia nas organizações. Neste sentido, esta reflexão busca discutir de que forma os pressupostos da Hermenêutica Filosófica podem contribuir para o desenho empírico-metodológico em estudos de estratégia como prática?

Na interpretação proposta por Gadamer (2008), de orientação filosófica, formas verbais e não verbais devem ser componentes de uma reflexão sobre a ação. As experiências, tomadas como fundamentais na apreensão da estratégia como prática, são concretizadas pela interação do sujeito ao que está dito, mas também não dito, revelado por linguagem, estrutura e artefatos, indissociável de realidade social e contexto (FONTANA, 2009).

O estudo da estratégia como prática apresenta grande heterogeneidade de fatores e conseqüências, cabendo assim à experimentação de diferentes perspectivas epistemológicas na busca da compreensão, tanto da formulação, quanto da aplicação da estratégia, assim como do envolvimento dos diferentes atores sociais da organização na dinâmica social resultante da recorrência estratégica. Dentro desse matiz de possibilidades, pretende-se discutir as contribuições da Hermenêutica Filosófica para o desenho empírico metodológico de pesquisas em estratégia como prática. Não se pretende, contudo esgotar a discussão acerca da temática, a análise busca somente contribuir para seu aprofundamento construindo uma argumentação amparada na discussão da estratégia como prática, elencando possíveis lacunas que seriam preenchidas mais adequadamente com postulados teórico-metodológicos contidos na Hermenêutica Filosófica, já amplamente recorrente em estudos jurídicos, pedagógicos e sociológicos.

Para tanto, o texto está estruturado em três seções, a saber: Inicialmente discorrem-se as considerações iniciais, em que são apresentados elementos gerais para o estudo da estratégia como prática em estudos organizacionais a partir de uma abordagem sociológica, bem como os contornos metodológicos para sua apreensão; Em seguida, são resgatados os

principais delineamentos decorrentes dos pressupostos da pesquisa qualitativa, destacando-se a Hermenêutica Filosófica e, possíveis contribuições que pode apresentar nestes estudos da estratégia como prática, ampliando assim o leque de possibilidades para uma compreensão da prática estratégica, quando considerado o contexto dos praticantes, atribuindo sentido e significado a eles em contraponto à percepção dos investigadores; Finalmente, uma reflexão construída em apontamentos, condensando as possibilidades de um olhar epistemológico e metodológico inovador pela lente da hermenêutica filosófica sobre a estratégia como prática, assim como, as referências bibliográficas utilizadas na construção do trabalho.

ABORDAGEM SOCIOLÓGICA DA ESTRATÉGIA: CONTEXTO TEÓRICO

A análise da estratégia como prática adota como inovação à ênfase em micro-atividades dos gestores atreladas ao processo de formulação da estratégia, destacando para tanto o poder de agir dos atores sociais, dentro de uma perspectiva de contextos particulares, tendo como papel fundamental permitir o estudo da criação e construção, bem como a desconstrução e a transformação dos pontos-chave (prática, práxis e praticantes), elementos essenciais para compreensão do fazer estratégia.

Grand, Ruegg-Sturm e Arx (2010, p. 64), estabelecem que “a ação social é moldada e habilitada pela tomada como certo do conhecimento social, que é legítimo e objetivo em uma determinada situação ou contexto, mas que ganha sua legitimidade e objetividade através dos processos de construção social que transcendem situações e contextos”. Para Orlikowski (2010), a prática se caracteriza como o lócus central de uma organização (como uma ação acontece), constituindo-se por um conjunto de ações individuais e coletivas direcionadas à construção e reconstrução de uma realidade social, tendo como base à participação ativa dos atores sociais, inseridos indissociavelmente, em determinado contexto organizacional.

Adotando-se como perspectiva que a estratégia constitui-se em algo que as pessoas fazem, exime-se o pesquisador de qualquer crítica, caso venha a se aproximar do objeto estudado, tendo em vista que tal aproximação pode tornar-se essencial para a compreensão do fenômeno, pelo fato de que o mesmo só existe em função de um contexto social prático, bem como de todos os elementos que o constituem e que são constituídos por ele (WHINTTINGTON, 2004; JOHNSON *et al.*, 2007; WHINTTINGTON, 2007). Johnson *et al.* (2007) salientam que os pesquisadores devem se preocupar com a tomada de uma perspectiva diferente para análise da estratégia, haja vista que, esta é algo que as pessoas fazem, portanto, essencialmente uma atividade prática constituída no contexto social do sujeito, em função de suas experiências vividas. Desta forma, o foco principal se concentraria em duas questões surpreendentemente negligenciadas nos estudos organizacionais que abordam a estratégia como prática, que são: (i) o que as pessoas envolvidas na elaboração de estratégias realmente fazem? E, (ii) como elas influenciam os resultados estratégicos? (JOHNSON *et al.*, 2007).

As relações desencadeadas em um contexto social tendem a ocasionar à construção de sistemas sociais, que invariavelmente são responsáveis pela definição de padrões de comportamento individuais e, por conseguinte da ação coletiva determinada por uma estrutura social balizadora. Desse modo, pode-se demonstrar que estrutura e ação estão estreitamente ligadas pelo fato de que são responsáveis pela manifestação da prática organizacional, tanto em nível individual, como coletivo, permitindo assim que os atores sociais mantenham ou modifiquem suas realidades, tendo como respaldo o conjunto de princípios, valores e recursos. Considerando que a estratégia é uma experiência vivenciada por seus participantes, demandando uma ação direta do sujeito sobre a organização, e não o contrário. Tem-se como base à interação humana e desse modo, desvincula-se a ação de algo abstrato dotando-lhe de aspectos objetivos.

O fator subjetivo do estrategista muitas vezes é descartado nos processos de análise e compreensão da estratégia como prática, no entanto, este se torna determinante para tal processo por apresentar características atreladas ao aspecto da cognição, que muitas vezes é essencial para justificar determinadas atitudes dos atores sociais envolvidos na prática estratégica (CHIA; RASCHE, 2010). Golsorkhi *et al.* (2010) salientam que a estratégia como prática de investigação centrou-se em grande parte sobre a conduta ou prática, tendo sido dada pouca atenção em relação às características gerais da estratégia como um sistema institucionalizado, constituído por um conjunto de funções e recursos, que, ao lado de outros, permitem e restringem esse comportamento.

Os atores sociais constituem-se, continuamente, a partir dos diferentes papéis que ocupam em um contexto social, afetando e sendo afetados por suas ações e por ações de seus correspondentes, caracterizando-se assim como um processo sócio-histórico em que os pressupostos epistemológicos são responsabilizados pela função de revitalização do conhecimento, estando assim o estudo e a conceituação da prática em constante mudança, na dualidade da construção e reconstrução. Contudo, destaca-se que apesar do crescimento nas tentativas de se conceituar prática, pesquisadores se preocupam em não simplesmente caracteriza-la como um atributo da improvisação dos atores sociais no cotidiano, e que mesmo assim, muitos conceitos se mantêm atrelados ao que é feito tradicionalmente, distanciando-se dos ditames de uma experiência vivida.

Para Geiger e Kepler (2009, p. 140) “os estudos organizacionais não devem simplesmente explorar o que as pessoas fazem nas organizações, mas sim tentar responder as perguntas: porque e como as práticas continuam a ser praticadas nas organizações, tendo em vista o poder normativo e a institucionalização, e como elas são alteradas e suas normas implícitas são questionadas e refletidas”. Tal postura estabelece como necessidade que os próprios atores sociais, individualmente ou coletivamente, sejam envolvidos no processo de reflexão de suas práticas, analisando o que é feito, bem como seu impacto, visando assim, dentro de uma perspectiva crítico-reflexiva, potencializar a emancipação dos praticantes, permeada pela prática e pela práxis da estratégia e revelada na experiência constituída por esse movimento. Assim, a linguagem surge como fator determinante para compreender os atores sociais, a partir dos significados construídos e compartilhados no decorrer da ação (SAMRA-FREDERICKS, 2003), caracteriza-se como instrumento relevante à compreensão da prática, refletida na ideia da ‘comunidade de prática’, esfera em que a cognição individual é, necessariamente, social (JARZABKOWSKI, 2004), sendo a interação responsável por essa justaposição.

O estudo da prática se faz necessário tendo em vista a possibilidade de tornar possível, de um lado, conhecimento e entendimento cotidiano de fenômenos que se manifestam em determinadas realidades (estudo detalhado) e, de outro lado, promover intervenções nesta realidade prática, a partir da reflexão dos próprios atores sociais (intervenção ativa). O foco na prática proporciona ainda, oportunidade de analisar o nível micro-social de uma atividade e de sua construção em um contexto macro-social, o que permite se deslocar de uma reflexão geral para uma análise cada vez mais orientada à realidade social. Isso porque os atores sociais não trabalham de forma isolada, eles operam sobre uma prática socialmente definida a partir das instituições sociais nas quais estão inseridos, integrando realidades sociais e interferentes do ambiente.

ABORDAGEM SOCIOLÓGICA DA ESTRATÉGIA: CONTEXTO METODOLÓGICO

Em função de sua complexidade e nuances específicas, muitos campos de pesquisa têm sido adotados, por diferentes pesquisadores, na busca obstinada de se compreender a estratégia a partir de uma perspectiva prática, bem como suas relações com os diferentes contextos sociais nas organizações. A idéia de construção determina que fatores cognitivos sejam carregados de contextos históricos atrelados ao processo de formação do sujeito, tendo assim influência direta na compreensão de sua prática. Sendo a prática objeto da realidade social, faz-se necessária à abordagem da mesma a partir de uma perspectiva longitudinal, visando perceber as transformações ocorridas ao longo do tempo, bem como os impactos dessas transformações para a realidade organizacional. Destaca-se a visão limitada de pesquisadores na delimitação de estudos que promovam a fragmentação das práticas organizacionais, dado o risco da não percepção das características do objeto em análise, em sua realidade, considerando a inter-relação entre as diferentes partes do mesmo, com base na visão de complementaridade, prezando ainda pela reflexão como parte do processo.

Nessa direção, a prática constitui-se em objeto de estudo de muitos pesquisadores, que a partir da aplicação de diferentes métodos e técnicas de pesquisa, buscam compreender a dinâmica de tal objeto e, por meio de representações, apresentem a realidade estudada. Nessa perspectiva de análise, o conceito de prática pode ser apreendido por três abordagens distintas, conforme destaca Orlikowski (2010), a saber: i) Prática como um fenômeno, que está relacionado ao que ocorre efetivamente no cotidiano de uma organização, sendo necessário para tanto uma participação nas atividades diárias do grupo; ii) Prática como uma perspectiva, que envolve a busca de uma compreensão pautada em determinadas teorias que são representações da prática, guiada por instrumentos de análise e compreensão; e iii) Prática como uma filosofia, que pode ser observada a partir das interações sociais dos indivíduos que compõem um grupo, tornando-se constitutivo da realidade.

Existem diferentes pressupostos e métodos para a análise e compreensão da estratégia como prática, as principais diferenças entre as perspectivas existentes, concentram-se nos limites de ação de cada uma, que determinam o grau de apreensão permitido acerca da estratégia como prática. Invariavelmente, o olhar sobre o fenômeno pode obscurecer-se com pontos isolados, ou pequenas arestas não compreendidas, elementos que, quando despercebidos, podem dificultar ou distorcer a compreensão acerca de determinadas realidades.

Assim, torna-se necessária à adoção e aplicação de delineamentos metodológicos direcionados à explicação de causas e efeitos, no instante em que se revela a ação social e considerada a circunstância que a reveste, que possam auxiliar os pesquisadores na coleta e análise de dados, tendo em vista a complexidade do fazer estratégia, enquanto fenômeno inserido em diferentes contextos sociais, que não podem ser extirpados do meio para se tornar objeto de análise.

Nesse particular, invariavelmente, os pressupostos da pesquisa qualitativa apresentam elementos que podem contribuir para uma maior compreensão da estratégia como prática, haja vista que, propõe um conjunto de métodos e técnicas que buscam compreender a realidade a partir da relação sujeito e objeto, inserido em um contexto social, implicando em uma aproximação mais coesa para a interpretação dos fenômenos sociais, baseado especialmente, de acordo com o construto epistemológico recorrente, no construtivismo. Conforme observam Godoi e Balsini (2010, p. 92) “a perspectiva qualitativa é influenciada pelas transformações geradas pela filosofia da linguagem, na qual a própria função da

linguagem passa da representação à ação, e o nível de análise deixa a interioridade psíquica para se situar na interação”.

Diferentemente dos estudos na perspectiva quantitativa, centrada em dados e preocupada essencialmente com a descrição dos mesmos (CORBETTA, 2003), “a pesquisa qualitativa envolve o uso e a coleta de uma variedade de materiais empíricos: estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17). Tais métodos, embora limitados individualmente, quando associados colaboram para a interpretação e compreensão de diferentes contextos no nível macro e micro social, constituído, essencialmente, a partir da linguagem e dos significados provenientes das interações sociais entre sujeitos. Vale adiantar, que a interpretação orientada pela hermenêutica filosófica, seria capaz de coincidir visão da realidade e contexto, com métodos de investigação micro-sociais, tomados no espaço e no tempo da efetivação da ação.

Desse modo, diante das diferentes inclinações teóricas apresentadas, percebe-se o quão incipiente é o campo de estudos da estratégia como prática, sendo a estratégia representada mais pelo que as pessoas fazem de fato no cotidiano e menos pelas influências que transferem para a ação. Uma seleção das possibilidades metodológicas qualitativas disponíveis para estudos esclarece como é instigante o desafio dos pesquisadores, por uma abordagem mais subjetiva, em estudos no campo da estratégia.

STRATEGIZING E HERMENÊUTICA FILOSÓFICA

Atrelados à compreensão da experiência vivida dos sujeitos, na visão de Johnson *et al.* (2007), destacam-se três aspectos: o grau e a natureza da agência atribuída aos atores, a relação da atividade 'micro' para fenômenos sociais "macro", e o potencial de influência prática que pode ser derivada da pesquisa. Concomitantemente, na perspectiva da virada da prática, Johnson *et al.* (2007) salientam que o Pragmatismo assume papel de destaque, tendo em vista que enfatiza a importância da prática, em função dos seguintes elementos: valoriza a ação concreta e da experiência; pessoas no centro da análise; e a importância da produção de conhecimento como prática.

Teles (2005) estabelece que a práxis deriva do termo grego *prátein* e se constitui no ato de percorrer um caminho até o fim (ação levada a cabo); executar, cumprir, realizar alguma coisa por si mesmo. O autor destaca um conjunto de conceitos e terminologias que estão diretamente interligados ao campo da prática, que são: *Doxa*: opinião ou crença, reputação de alguém; *Pólis*: discurso que se julga ser mais apropriado (político); *Ágora*: local de reunião de todos para discussão; *Kainón*: comum; e *Ídion*: referente ao privado (TELES, 2005).

Esses elementos estão intrínsecos ao contexto prático da sociedade, condicionando e materializando a ação dos indivíduos e proporcionando contornos reais, individuais e coletivos, para a compreensão da prática, permeada de símbolos, artefatos e significados compartilhados entre os praticantes. Para Teles (2005), Hannah Arendt compreende o agir de três formas: o agir com a natureza; o agir com os objetos feitos pela mão humana; e o agir entre os homens. As atividades que compõem a vida ativa são: trabalho, fabricação e ação. A ação é o meio pelo qual os homens mostram quem são em suas identidades singulares, em contraposição ao quê são em suas qualidades e defeitos, com a perspectiva de que o indivíduo, ao agir entre os outros, revela-se perante o contexto.

A ação tomada desta forma, quando analisada pelo pesquisador, no momento factual de sua ocorrência é revestida de qualidade. A Análise da natureza, da estrutura e do homem,

integrada pela realidade social e pelo contexto, composto por esses elementos, caracterizam e legitimam interpretações de caráter mais subjetivo, tal como a hermenêutica filosófica (FONTANA, 2009).

Considerando tal foco central do agir na relação entre os sujeitos, os sujeitos, a natureza e os objetos, Huff, Neyer e Moslein (2010) ainda reforçam que pesquisadores interessados no fazer estratégia precisam lançar mão de lentes explicativas, divergentes e convergentes, capazes de ampliar o raio de visão da pesquisa, considerando mudanças significativas no comportamento dos atores sociais, tanto no nível micro, quanto no macro, ampliando assim o volume de dados coletados de modo que a descrição da realidade possa se concretizar como abordagem mais significativa na apreensão da prática estratégica.

Esta perspectiva metodológica, ao mesmo tempo em que torna necessário maior volume e variação de dados, também suscita métodos de análise que sejam capazes de levar os pesquisadores a revelar padrões de atividades em organizações, por meio da relação entre atores, contexto interno e as fronteiras organizacionais. Desse modo os autores enfatizam a necessidade de aplicação de diretrizes pré-definidas que possam auxiliar aos pesquisadores na coleta e análise de dados, tendo em vista a complexidade do fazer, enquanto fenômeno inserido em diferentes contextos sociais, que não podem ser extirpados do meio para se tornar objeto de análise (HUFF; NEYER; MOSLEIN, 2010).

No entanto, Huff, Neyer e Moslein (2010) destacam que a pesquisa sobre micro comportamento, nos dias atuais, apresenta-se muito limitada em escala e escopo quando confrontada com os eventos globais, altamente interconectados, que atualmente podem ser percebidos. Uma grande parte do tempo foi gasto em estudo descritivo; continuar este esforço faz sentido. Mas, a situação atual exige não apenas ampliação do processo de coleta e análise de dados, também exige um amplo conjunto de perspectivas teóricas ou a ênfase na postura explicativa. Os autores enfatizam que a atividade de compreensão em nível micro requer atendimento de múltiplos atores em múltiplos níveis de análise, pode e deve usar múltiplas perspectivas teóricas e métodos múltiplos, e pode enfrentar a mudança organizacional (HUFF; NEYER; MOSLEIN, 2010).

Muitos estudos de estratégia como prática dedicam-se a uma descrição sumária das atividades, desconectadas de seu contexto social, sem buscar uma interpretação e compreensão das atividades realizadas pelos sujeitos nas organizações (ERICSON; MELIN, 2010), o que não seria diferente em estudos que adotam uma perspectiva longitudinal. Há também nessa descrição a evidente falta de relações entre realidade social, na medida em que converte a ação em algo pontual, e a construção do contexto, onde se percebe a desconsideração de elementos construídos de fato, ao longo do tempo. Mais um atributo componente de uma interpretação pela hermenêutica filosófica, que segundo Gadamer (2008), na sua concepção, não pode ser fragmentada em fatos interpretados a distância e isoladamente. A ação, conforme a leitura de Hannah Arendt, descrita por Telles (2005) revela-se nos atores, segundo o contexto que a constituem.

Desse modo, Ericson e Melin (2010) salientam que a dimensão histórica, enquanto tradição viva, contribui significativamente para a compreensão da estratégia como prática em diferentes contextos organizacionais. Pesquisas acerca da estratégia tendem a abandonar a história, ou quando não, adotam a mesma como um elemento de análise, promovendo um recorte temporal, deslocando-a de seu contexto, e assim lançando mão de uma interpretação distante dos sujeitos que vivenciaram tal história. A relação passado-presente-futuro apresenta coesão, sendo ineficiente sua repartição para os estudos organizacionais, tendo em vista que, o praticante constitui-se em um ser sócio-histórico (ERICSON; MELIN, 2010).

A visão de história articula-se com a noção de experiência vivida como um processo contínuo de integração. Esta experiência fornece a base da vida do praticante, relacionando o praticante a outros seres humanos e remetendo-o para um passado cultural. Entender a prática implica em considerar a tradição histórica e a experiência como vivida, haja vista que, a história é parte integrante e está inerente ao praticante, constituindo-se em um erro, em muitos estudos organizacionais, pensar a história como objeto descolado do sujeito (ERICSON; MELIN, 2010). Como proposta, Ericson e Melin (2010), destacam a necessidade de se direcionar maior interesse para a questão ontológica da atividade humana e de seu encontro dialógico com a história; valorização de conexões existenciais do sujeito com o mundo e com outras pessoas; aceitação de que a realidade humana é histórica e não a soma de fatos históricos ou a seqüência de tipos de fatos reproduzidos no presente.

Samra-Fredericks (2003) propõe o uso da etnografia como estratégia de pesquisa, tendo em vista que seu principal elemento é a análise da linguagem, fator determinante para a compreensão do que os atores sociais fazem, a partir dos significados construídos e compartilhados no decorrer da ação. Torna-se indiscutível que quando pesquisadores se propõem a observar gestores/estrategistas no trabalho, o que se percebe essencialmente, é muita conversa (SAMRA-FREDERICKS, 2003). O foco de análise é em cima de identificar as diferentes falas, conversações, narrativas e discursos empregados por praticantes de diferentes níveis hierárquicos. Resultados que associam nível macro, para falar da vida diária, como o micro, para explicar as relações entre a conversa dos estrategistas e os resultados, revelando assim um desafio principalmente porque a atividade humana ao longo do tempo e espaço é rica, dinâmica e complexa, características da prática que tornam o componente etnográfico crucial (SAMRA-FREDERICKS, 2003).

Contudo, deve-se ter em mente que os significados da linguagem em seu contexto são diferenciados entre os praticantes e os pesquisadores, tendo em vista que, praticantes são sujeitos historicamente constituídos, impondo assim a suas manifestações um conjunto de artefatos ligados à sua cognição, unicamente percebidos por ele mesmo (MATTOS, 2003). A linguagem se torna assim um elemento que contribui para a compreensão da estratégia como prática, contudo, se torna mais eficiente considera-la em conjunto com atributos do contexto social, uma vez que, “o contexto inteiro do momento da interação de um falante com um ou mais ouvintes, [...], é como um ecossistema a que as palavras (com seus significados) devem estar integradas para sua ação comunicativa sobreviver” (MATTOS, 2003, p. 45). “Não compreendemos uma expressão simbólica sem a pré-compreensão intuitiva de seu contexto, porque não podemos livremente transformar em saber explícito o saber que constitui o pano de fundo de nossa cultura e que está sempre presente como algo de não questionável” (HABERMAS, 1989, p. 25).

“A linguagem é um instrumento de transmissão de significados previamente estruturados, no caso, expectativas, que ao serem comunicadas podem incorrer em incongruências devido à clareza, fatores pessoais e coisas do tipo” (HONÓRIO; MATTOS, 2010, p. 30). A idéia de construção determina que fatores cognitivos sejam carregados de contextos históricos atrelados ao processo de formação do sujeito, tendo assim influência direta na compreensão de sua prática.

Sendo a prática objeto da realidade social, faz-se assim necessária à abordagem da mesma a partir de uma perspectiva longitudinal, visando perceber as transformações ocorridas, bem como os impactos dessas transformações para a realidade organizacional. Destaca-se a impossibilidade de fragmentação das práticas organizacionais, sob o risco de se perceber as nuances desse objeto de estudo, considerando a inter-relação entre as diferentes partes do mesmo, com base na visão de complementaridade, prezando ainda pela reflexão

como parte do processo (GRAND *et al.*, 2010), a linguagem pode ser entendida assim como parte de um sistema, que só pode ser compreendida ou contribui para a apreensão da realidade, se analisada em conjunto com o contexto e seus elementos objetivos, subjetivos, tangíveis e intangíveis.

“Ao resgate da subjetividade, pela inserção do pesquisador numa relação direta e pessoal com o observado, corresponde à abertura para a emoção, o sentimento e o inesperado” (SERVA; JAIME JUNIOR, 1995, p. 69), que conduzem à discussão do aspecto de emancipação do sujeito, considerando-se que na observação participante torna-se relevante à interpretação dos dados por parte dos atores sociais envolvidos, aspecto este que se desenvolvido pelos pesquisadores apresenta potencial para contribuir com a emancipação dos sujeitos, tendo em vista que estes seriam levados a refletir criticamente acerca de suas ações e atividades na realidade estudada, buscando assim certo grau de desenvolvimento (CORBETTA, 2003).

A hermenêutica filosófica fundamenta-se a partir de alguns conceitos fundamentais, segundo Portocarrero (1992), os quais reforçam sua utilização complementar em posicionamentos epistemológicos e metodológicos, de modo a fortalecer ações, tal qual a estratégia como prática. Dentre esses conceitos sublinhados pela autora, há a atestação, justificando a hermenêutica ricoeuriana, em que a história de vida dos sujeitos, na constituição da práxis, o torna capaz de falar, de agir, de prometer e ser imputável, como sujeito à realidade social e ao contexto (PORTOCARRERO, 1992).

Pode-se considerar também, como definido por Gadamer (2008), ao fazer uma leitura de F. Schleiermacher, o qual introduz as origens da hermenêutica filosófica, o círculo hermenêutico que rompe com a hermenêutica original, reconsiderando a tradição, responsável pela consideração de partes independentes no tempo, como constituintes do todo, em um processo histórico de construção, de caráter objetivo e subjetivo, rompendo com o círculo vicioso da interpretação fragmentada, típica da lógica clássica positivista.

Ainda pode-se entender no fundamento conceitual da fusão de horizontes, também cunhada por Gadamer (2008), que a hermenêutica filosófica baseada na tradição é capaz de transmitir a ação em uma linha compacta, fundida, contínua. Estabelecendo um efeito histórico que rompe com as características determinísticas e causais de interpretações mais clássicas.

Assim, acredita-se que a hermenêutica filosófica apresenta-se como uma proposta capaz de compor a lacuna eminente nos estudos da estratégia como prática, numa perspectiva sociológica de investigação, uma vez que se constrói a partir de três princípios, que são: i) a compreensão independe de delineamentos metodológicos – instrumentos de coleta e análise de dados – e sim, compete ao próprio indivíduo; ii) componentes sócio-históricos – tradição – inerentes ao indivíduo não se configuram como ‘peça de roupa’ da qual ele deva se desfazer na atividade de interpretação, sendo elementos essenciais que devem se fundir com o fenômeno estudado, pois constituem o sujeito; e iii) a compreensão sustenta-se sob um movimento dialógico entre investigador e realidade analisada, necessitando das contradições do fenômeno para que pré-julgamentos sejam desfeitos e a compreensão se construa (SCHWANDT, 2006).

Desse modo, princípios, valores e costumes, atrelados à constituição social e histórica do indivíduo (ator social ou pesquisador) tornam-se artefatos importantes na compreensão da atividade cotidiana, ou experiência vivida na prática estratégica, em função de estar fortemente arraigada na ação do sujeito, delimitando sua forma de interagir com os outros e com os atributos materiais que os cercam. Significado e compreensão se produzem

reciprocamente, sendo que “o significado é negociado mutuamente no ato da interpretação; não é simplesmente descoberto” (SCHWANDT, 2006, p. 199).

A historicidade do sentido, elemento central na compreensão de fenômenos sociais, se constitui na autocompreensão que o indivíduo alcança como participante e intérprete da tradição histórica (GADAMER, 1989 apud ERICSON; MELIN, 2010), uma vez que a realidade humana é histórica e não a soma de fatos históricos ou a seqüência de tipos de fatos reproduzidos no presente (ERICSON; MELIN, 2010).

APONTAMENTOS FINAIS

O presente ensaio teve como propósito promover uma discussão acerca das possíveis contribuições da Hermenêutica Filosófica para o desenho empírico metodológico de pesquisas em estratégia como prática, ampliando assim a compreensão acerca do *strategizing*, que consistiria “na construção de atividades por meio das ações e das interações dos múltiplos atores, bem como das práticas que esses atores utilizam” (WALTER; AUGUSTO, 2012, p. 134-135).

Colla (2009, p. 55) salienta que “o processo de estratégia é imerso no processo social e, dessa forma, a estratégia, bem como a pesquisa a ela relacionada, é representada pelo significado que as pessoas dão a essa estratégia, visto que a realidade é dinâmica e está sempre em construção”, o que exige de pesquisadores cada vez mais atenção em relação aos métodos teóricos e metodológicos utilizados em seus estudos, buscando reduzir a apresentação de resultados limitados em relação à realidade na qual o fazer estratégia se manifesta, cuja crítica tem minado procedimentos orientados por análise qualitativa.

Nesse sentido, na seqüência são destacadas as principais premissas orientadoras desse ensaio, agregadas quando da decisão de interpretação pela hermenêutica filosófica, a fim de que possam contribuir para o aprofundamento das discussões acerca das pesquisas em estratégica como prática:

1. ***Análise da prática, baseada na realidade social e no contexto***, articulando-se os níveis micro e macro, possibilita a ampliação do raio de investigação das pesquisas que atualmente se apresentam no campo da estratégia, tendo em vista que a prática, enquanto experiência vivida, articula-se com diferentes contextos sociais e não somente se insere no nível micro de análise, como alguns estudos em estratégia como prática propõem;
2. ***Recorte da estratégia a partir de estudos transversais*** implica na compreensão limitada da prática, considerando-se que a ação social somente possui significado no cotidiano dos atores sociais tendo como base o compartilhamento de princípios, valores, costumes e artefatos, que seriam, em suas especificidades, percebidos com a condução de estudos longitudinais, estando os pesquisadores inseridos na realidade dos praticantes, responsáveis diretos pela construção social da realidade atrelada aos significados compartilhados socialmente. Para compreensão da manifestação, desenvolvimento e transformação de diferentes movimentos sociais, tendo em vista a complexidade dos mesmos e a imbricação destes com os contextos e relações sociais que formam uma sociedade, os artefatos devem ser analisados e considerados pelos elementos que os formam, não devendo ser transportados para o contexto atual do pesquisador sem antes serem dissecados com um olhar deslocado das especificidades contextuais do momento em que se manifestaram ao longo do tempo, evitando distorções em seus reais significados (MACHADO, 2004);

3. Embora muitas vezes seja relegada por pesquisadores, *a história apresenta-se como elemento central no processo de compreensão da prática estratégica*. Por ser o sujeito historicamente constituído, sendo suas práticas no presente o reflexo das experiências passadas cumulativas, na consideração dos círculos hermenêuticos que se formam. Autores como Booth e Rowlinson (2006) salientam a transposição de uma posição objetivista, clássica nas ciências sociais, para uma abordagem subjetivista dos fenômenos organizacionais, como a hermenêutica filosófica proposta por Gadamer (2008), considerando-se os contornos históricos como construção social de uma realidade predominada por relações sociais entre diferentes indivíduos;
4. *Captar sentido e significado da estratégia como prática em determinado contexto social se apresenta relevante a partir da percepção do sujeito envolvido* no fazer estratégia, articulado com o pesquisador, desvinculados de qualquer procedimento metodológico, antecipadamente definido, tendo em vista as especificidades particulares da ação humana e da subjetividade dos indivíduos. Praticantes da estratégia, inseridos na dinâmica da hermenêutica filosófica da prática, fornecem elementos específicos de sua realidade, na medida em que são inquiridos pelos pesquisadores, traçando assim os contornos metodológicos a partir do contexto social no qual a prática estratégica se manifesta; e
5. *A linguagem, compreendida a partir dos diferentes significados compartilhados pelos atores sociais*, inseridos em diferentes contextos organizacionais, contribui para a análise da estratégica como prática, por possibilitar a apreensão da ação compartilhada entre esses atores, instituída a partir dos atributos culturais do grupo. A linguagem constitui-se em um elemento determinante na compreensão da prática, tendo em vista que sua manifestação, bem como significado, torna-se distinta para cada contexto social e indivíduos envolvidos na sua efetivação. Para tanto, o processo de interpretação da linguagem é único, não sendo pertinente sua generalização para outras realidades.

A perspectiva sociológica tem sido testemunha de uma ‘virada da prática’, com muitas vertentes, mas todas compartilhando de uma preocupação comum com o que as pessoas realmente fazem no cotidiano. Este contexto de análise foca em três principais questões levantadas em um discurso meta-teórico: a extensão e natureza da agência; a relação entre micro e macro patamares de análise; bem como a natureza e o estado de implicações práticas (JOHNSON et al., 2007).

Finalmente, cabe salientar que a exigência de uma inclinação multidisciplinar em termos teóricos e metodológicos representa uma quebra do paradigma dominante na história dos estudos em estratégia. Vista por muitos pesquisadores a partir do prisma de uma perspectiva da econômica clássica, a interpretação se limita às respostas objetivas, cujo resultado alinha-se a conclusões atreladas a elucubrações prescritivas e normativas, responsáveis pelo ato de encaixotar a ação estratégica. Novas perspectivas evitam o distanciamento da realidade social na qual os atores organizacionais, por meio de diferentes e divergentes interações, constroem seu cotidiano dando significado à experiência vivida e ao contexto formulado e formulador de tal realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOOTH, C.; ROWLINSON, M. Management and organizational history: prospects. **Management & organizational history**, vol. 1, no. 1, p. 5-30, 2006.

BOWMAN, E.; SINGH, H.; THOMAS, H. The domain of strategic management: history and evolution. In: PETTIGREW, A.; THOMAS, H.; WHITTINGTON, R. (eds). **Handbook of strategy and management**. London-New York: Sage, p. 31-51, 2002.

CHIA, R.; RASCHE, A. Epistemological alternatives for researching strategy as practice: building and dwelling worldviews. In: GOLSORKHI, D.; ROULEAU, L.; SEIDL, D.; VAARA, E. (orgs.) **Cambridge Handbook of Strategy as Practice**. New York: Cambridge Univ. Press, p. 34-46, 2010.

CLEGG, S.; CARTER, C.; KORNBERGER, M. A "Máquina Estratégica". **Revista de Administração de Empresas**, vol. 44, n. 4, p.21-31, 2004.

COLLA, J. E. Pesquisa em *strategy-as-practice* no Brasil: considerações iniciais sobre o movimento. **Revista Ibero-Americana de Estratégia – RIAE**, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 33-60, Set./Dez, 2012.

CORAIOLA, D. M.; MELLO, C. M.; JACOMETTI, M. Estruturação da estratégia-como-prática organizacional: possibilidades analíticas a partir do institucionalismo organizacional. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie**, v. 13, n. 5, São Paulo, Set./Out., 2012.

CORBETTA, P. **Social research: theory, methods and techniques**. London: SAGE, 2003.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ERICSON, M.; MELIN, L. Strategizing and history. (Capítulo 21, p. 326-342). In: GOLSORKHI, D.; ROULEAU, L.; SEIDL, D.; VAARA, E. (Orgs.). **Cambridge Handbook of Strategy as Practice**. New York: Cambridge Univ. Press, 2010.

FONTANA, Eliane. Hermenêutica clássica versus hermenêutica filosófica: considerações relevantes acerca do processo interpretativo. Salvador: **Anais do CONPEDI**, 2009.

GADAMER, Hans-George. **Verdade e Método**. São Paulo: V. 1, Vozes, 2008.

GAIGER, D.; KEPLER, J. Revisiting the Concept of Practice. **Management Learning**, vol. 42, n. 2, p. 129-144, 2009.

GODOI, C. K.; BALSINI, C. P. V. A pesquisa qualitativa nos estudos organizacionais brasileiros: uma análise bibliométrica. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Saraiva, 2010.

GOLSORKHI, D.; ROULEAU, L.; SEIDL, D.; VAARA, E. Introduction: what is the strategy as practice? In: GOLSORKHI, D.; ROULEAU, L.; SEIDL, D.; VAARA, E. (orgs.) **Cambridge Handbook of Strategy as Practice**. New York: Cambridge Univ. Press, p. 1-21, 2010.

GRAND, S.; RUEGG-STURM, J.; ARX, W. V. Constructivist epistemologies in Strategy as Practice research. In: GOLSORKHI, D.; ROULEAU, L.; SEIDL, D.; VAARA, E. (orgs.) **Cambridge Handbook of Strategy as Practice**. New York: Cambridge Univ. Press, p. 63-78, 2010.

HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HONÓRIO, J. B.; MATTOS, P. L. C. L. Papéis Organizacionais: O que a Pragmática da Linguagem nos Leva a Pensar. **Revista Alcance – Eletrônica**, vol. 17, n. 1, p. 22-33, Jan./Mar., 2010.

- HUFF, A. S.; NEYER, A-K.; MOSLEIN, K. Broader methods to support new insights into strategizing. In: GOLSORKHI, D.; ROULEAU, L.; SEIDL, D.; VAARA, E. (orgs.) **Cambridge Handbook of Strategy as Practice**. New York: Cambridge Univ. Press, p. 201-216, 2010.
- JARZABKOWSKI, P. Strategy as Practice: recursiveness, adaptation, and practices-and-uses. **Organization Studies**, v. 25, n. 4, p. 529-560, 2004.
- JOHNSON, G.; LANGLEY, A.; MELIN, L.; WHITTINGTON, R. **Strategy as Practice: research directions and resources**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- KIRSCHBAUM, C.; GUARIDO FILHO, E. R. Perspectivas Sociológicas da Estratégia em Organizações: uma introdução ao fórum. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, vol. 12, p. 14-27, 2011.
- MACHADO, R. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 19. ed. São Paulo: Graal, 2004.
- MATTOS, P. L. C. L. Teoria Administrativa e Pragmática da Linguagem: Perspectivas para Problemas que Afligem as Relações entre Acadêmicos e Consultores, Educadores e Educandos. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 7, n. 2, p. 35-55, Abr/Jun., 2003.
- ORLIKOWSKI, W. J. Practice in research: A phenomenon, perspective and philosophy. p. 23-33. In: GOLSORKHI, D.; ROULEAU, L.; SEIDL, D.; VAARA, E. (orgs.) **Cambridge Handbook of Strategy as Practice**. New York: Cambridge Univ. Press, p. 1-21, 2010.
- PETTIGREW, A.; THOMAS, H.; WHITTINGTON, R. Strategic management: the strengths and limitations of a field. In: PETTIGREW, A.; THOMAS, H.; WHITTINGTON, R. (eds). **Handbook of strategy and management**. London: Sage, p. 3-30, 2002.
- PORTOCARRERO, Maria Luiza. Conceitos fundamentais de hermenêutica filosófica. Coimbra: **Revista Filosófica de Coimbra**, 1992.
- SAMRA-FREDERICKS, D. Strategizing as lived experience and strategists' everyday efforts to shape strategic direction. **Journal of Management Studies**, vol. 40, n. 1, p. 141-174, 2003.
- SCHWANDT, T. A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa: interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- SERVA, M.; JAIME JÚNIOR, P. Observação participante e pesquisa em administração: uma postura antropológica. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.1, p. 64-79 Mai./Jun., 1995.
- SILVA, F. O.; HANSEN, P. B. Inserindo a estratégia como prática no campo dos estudos organizacionais: uma proposta de método de aplicação a partir de um caso prático. **REBRAE. Revista Brasileira de Estratégia**, Curitiba, v. 5, n. 3, p. 255-267, Set./Dez., 2012.
- SWEDBERG, R. Economic and sociological approaches in organization theory. In: TSOUKAS, H.; KNUDSEN, C. (eds.). **The Oxford Handbook of Organization Theory**. New York: Oxford University Press, p. 373-391, 2003.
- TELES, E. L. A. Práxis e Poiesis: uma Leitura Arendtiana do Agir Político. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, n.6, p. 123-140, 2005.

VIZEU, F.; GUARIDO FILHO, E. R.; GOMES, M. A. Para além do olhar econômico nas alianças estratégicas: implicações sociológicas a partir do caso Unihotéis. In: **V Encontro de Estudos em Estratégia (3Es)**, Porto Alegre, 2011.

WALTER, S. A.; AUGUSTO, P. O. M. Prática estratégica e strategizing: mapeamento dos delineamentos metodológicos empregados em estratégia como prática. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa (RECADM)**, Campo Largo, vol. 11, n. 1, p. 131-142, Jan./Jun., 2012.

WHITTINGTON, R. Estratégia após o modernismo. **Revista de Administração de Empresas**, vol. 44, n. 4, p. 44-53, 2004.

WHITTINGTON, R. Strategy practice and strategy process: the sociological eye. **Organization Studies**, vol. 28, n. 10, p. 1575-1586, 2007.

WILSON, D. C.; JARZABKOWSKI, P. Pensando e agindo estrategicamente: novos desafios para a análise estratégica. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, vol. 44, n. 4, Out./Dez., 2004.